

Pernambuco

Desafios e Conquistas no Semiárido: A Jornada da Família de Maria Zélia

Maria Zélia da Conceição Simplício, de 50 anos, reside no Sítio Amaro, município de Santa Filomena, com seu esposo, Francisco Ferreira de Lima, de 61 anos, e seu filho, Emanuel Simplício de Lima, de 13 anos, todos agricultores. Os membros da família trabalham desde a pré-adolescência na agricultura, seguindo a trajetória de vida das famílias camponesas, cultivando a terra e criando animais para manter o sustento da família. O trabalho no campo, na região do Sertão do Araripe, sempre foi muito desafiador, uma vez que os agroecossistemas são ainda hoje muito carentes de infraestrutura hídrica para captação e armazenamento de água para o consumo humano, animal e produção agrícola. Com o advento das mudanças climáticas, esta região passou um período de grande estiagem com pluviometria sempre abaixo da média histórica para região, forçando as famílias locais a migrar para outros territórios em busca de emprego para, assim, garantir a sobrevivência da família. E foi isto que aconteceu com a família de Maria Zélia no ano de 2000, período que tiveram de migrar para o perímetro de irrigação na região do São Francisco, município de Petrolina, onde permaneceram por quase duas décadas. Somente no ano de 2019 a família regressou ao seu território de origem, na perspectiva de reiniciar a construção de uma nova vida no campo.

O Encontro com o Movimento Agroecológico

Aqui inicia-se uma nova fase na vida da família de Zélia, o retorno ao seu território de origem proporcionou a oportunidade de a família ser beneficiária do projeto Terras de Vida, que trabalhou com a implantação de sistema de reuso de água cinza e contribuiu com o saneamento rural de seu agroecossistema, ao mesmo tempo, otimizou o uso da água que era desperdiçada para irrigação de salvação do quintal produtivo. O projeto realizou a implantação dessa tecnologia social e assessoria técnica à família beneficiária, a proposta do projeto era iniciar com a implantação de uma pequena área com Sistema Agroflorestal (SAF). Na época, o agroecossistema dispunha apenas de um pequeno barreiro para apoiar as atividades produtivas, contudo, a água ainda era insuficiente. A família fez um investimento na perfuração e instalação de um poço artesiano, porém a água apresentou substâncias inadequadas para o consumo humano, animal e produção agrícola.



Após a instalação do poço, a família recebeu uma cisterna de 16 mil litros, que potencializou o manejo das águas do barreiro e do poço. Esse conjunto viabilizou a irrigação do SAF. Com a implantação do SAF a família participou de eventos de formação: cursos, treinamentos práticos, intercâmbios, entres outros; o que contribuiu e ajudou a família a refletir acerca das alternativas de recuperação de áreas do agroecossistema que estavam em processo de degradação. Deste modo, a família adotou, atualmente, muitas práticas de produção sem uso de agrotóxico e queimadas, o que está contribuindo para o cultivo permanente de algumas culturas.



Mudanças e Resultados

Atualmente a família realizou um investimento com recursos próprios na construção de um tanque com capacidade de 10 mil litros, e ainda foi contemplada com uma caixa d'água com capacidade de armazenamento de 5 mil litros, por meio destas duas novas infraestruturas hídricas a família potencializou a diversificação do cultivo do quintal produtivo e do SAF, o que está colaborando significativamente com a melhoria da renda da família. Hoje enxergamos que o agroecossistema a partir da implantação de tecnologias sociais, infraestrutura hídrica e ATER, auxiliou a família a criar algumas estratégias de geração de renda e permanência no meio rural.

Atividades desenvolvidas pela família no agroecossistema:

- Criação de aves (galinhas);
- Criação de suínos;
- Criação de ovinos;
- Plantio de culturas anuais, como milho, feijão e feijão guandu;
- SAF, com plantio de: fruteiras (banana, graviola, limão, caju, atemoia, pinha, umbu, manga, romã, acerola, abacaxi, mamão, goiaba, laranja, urucum e condessa); hortaliças; macaxeira; plantas forrageiras: cana-de-açúcar, palma, leucina e capim elefante; plantas adubadoras - mucuna preta e feijão de porco e algumas plantas medicinais.

A maior parte da produção é para autoconsumo, dessa forma, o excedente é destinado a comercialização.

A família está associada a associação comunitária, aonde são construídos e discutidos assuntos de interesse comum dos associados/as.

"Uma das melhores coisas que já aconteceu na vida da minha família foi a parceria nossa com o CAATINGA, através do projeto Terras de Vida", afirma Maria Zélia.

